



Vogal da sílaba seguinte: uma restrição ao comportamento das Médias Pretônicas

*Dermeval da Hora
Regina Celi M. Pereira*

UFPB

Introdução

Os estudos variacionistas desenvolvidos no Brasil têm tido um crescimento bastante notável. Nos últimos anos, esses estudos atingem os mais diversos campos de estudo.

Em se tratando de estudos fonológicos, o comportamento das vogais médias pretônicas tem-se revelado uma marca dialetal bastante relevante na caracterização dos falares regionais. Tais vogais têm sido objeto de análise de inúmeros pesquisadores aqui no Brasil, a exemplo de Bisol (1981), utilizando dados do falar gaúcho; Callou e Leite (1986), investigando os dados do Projeto NURC do Rio de Janeiro; Silva (1989), com dados do falar baiano; Bortoni-Ricardo (1992), verificando a variação no falar de Brasília; Battisti (1993), analisando também o falar gaúcho, entre outros.

De forma geral, esses trabalhos têm ratificado a idéia de que o /e/ e /o/ pretônicos recebem uma pronúncia predominantemente fechada nas regiões Sul e Sudeste, e uma pronúncia predominantemente aberta no Norte e Nordeste. Nascentes (1953) já considerava a alternância das pretônicas como um divisor de águas entre os falares do Norte e do Sul.

Outro aspecto que também foi registrado por esses trabalhos diz respeito ao fenômeno de elevação a que essas vogais se submetem pela tendência a se harmonizarem com as vogais altas seguintes /i/ e /u/, tendência que não se apresenta como um traço diferenciador entre as duas pronúncias, e, sim, como um ponto de convergência existente nesse ambiente de variação dialetal.

Utilizando o corpus do Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba -VALPB(Hora,1993) e pautados na Sociolingüística Variacionista, procuraremos verificar como o pessoense urbano correlaciona a pretônica à vogal da sílaba seguinte.

Nossa hipótese inicial é de que a vogal seguinte está correlacionada positivamente à vogal pretônica, condicionando sua elevação, fechamento ou abaixamento. Se a vogal tônica for uma alta, teremos elevação da pretônica; se média fechada, teremos fechamento e se baixa ou média aberta, teremos a pretônica aberta.

Análise dos resultados

Para melhor avaliar a influência das vogais seguintes sobre as médias, organizamos duas tabelas: uma com os dados da vogal não - recuada /e/, e outra com os dados da vogal recuada /o/. Foram examinadas 8.679 realizações para /e/ e 6.401 para /o/, perfazendo um total de 15.080 ocorrências.

Optamos por separar as altas orais /i/ e /u/, e as altas nasas /ĩ/ e /ũ/, a fim de controlarmos, sob o ponto de vista articulatorio (Mattoso, 1970 p. 44), a influência da anterior /i/ e da posterior /u/, separadamente. Bortoni (1992) adotou o mesmo procedimento. Por outro lado, agrupamos, num mesmo contexto, as não altas nasais: ã, ê, õ. Essa atitude se justifica, primeiramente, pelo comportamento de ã e õ, que se revelaram coincidentes no favorecimento da abertura das médias. E, finalmente, pela ocorrência mínima do contexto vocálico seguinte õ, ao longo de todo corpus, restringindo-se a três únicos vocábulos: **personagem**, **vergonha** e **responsável**, todos de realização aberta.

Observemos os resultados referentes às tabelas 1 e 2 a seguir, que apresentam, de forma geral, os resultados obtidos em todos os contextos:

Tabela 1
Vogal da sílaba seguinte
Resultados para /E/

	I			Ê			Ë		
	Apl./total	%	P.Rel.	Apl./total	%	P.Rel.	Apl./total	%	P.Rel.
I									
Revista	1233/2069	60	.65	483/2069	30	.16	202/2069	10	.19
U									
verdura	92/476	19	.17	317/476	67	.55	67/476	14	.26
Ê									
cerveja	40/32	12	.7	17/321	5	.2	264/321	82	.91
Ô									
nervoso	17/224	8	.7	45/224	20	.9	162/224	72	.84
vegetais	20/405	5	.6	330/405	81	.59	55/405	14	.35
Ó									
velocidade	155/765	20	.19	543/765	71	.59	67/765	9	.22
A									
verdade	98/1237	8	.10	982/1237	79	.77	157/1237	13	.13
l									
menina	632/760	83	.97	124/760	16	.2	4/760	1	.1
ũ									
segundo	101/226	45	.83	122/226	54	.14	3/226	1	.3
ã ē õ									
vergonha	82/985	8	.9	803/985	82	.74	100/985	10	.17
Ditongo									
Levou	276/1211	23	.15	253/1211	21	.11	682/1211	56	.74

P.Rel = peso relativo

% = frequência

Tabela 2
Vogal da sílaba seguinte
Resultados para /O/

	u			ó			ô		
	Apl/total	%	P.Rel	Apl/total	%	P.Rel	Apl/total	%	P.Rel
I									
policial	654/839	78	.82	143/839	17	.8	42/839	5	.10
u									
procurar	27/301	9	.14	239/301	79	.55	35/301	12	.31
ê									
governo	933/1889	49	.30	24/1889	1	.2	932/1889	49	.68
ô									
gostoso	29/104	28	.8	2/104	2	.1	73/104	70	.91
é									
novela	75/568	13	.9	465/568	82	.76	28/568	5	.14
A									
votar	190/1154	16	.6	948/1154	82	.92	16/1154	1	.2
I									
cozinha	162/171	95	.95	4/171	2	.1	5/171	3	.4
ũ									
profundo	11/51	22	.27	38/51	75	.66	2/51	4	.7
ã ē õ									
momento	27/624	4	.1	562/624	90	.95	35/624	6	.4
ditongo									
comeu	64/466	14	.8	192/466	41	.23	210/466	45	.68

De modo geral, os números correspondentes à vogal não recuada /e/, e à recuada /o/ não apresentam grandes diferenças entre si. Vejamos, inicialmente, a distribuição dos índices de probabilidade e freqüência no contexto das altas orais e nasais: [i], [u], [ĩ] e [ũ].

Tabela 3

Médias antes de altas orais e nasais [i, u, ĩ, ũ]

Resultados para /E/

	i			é			ê		
	Apl/total	%	P.Rel	Apl/total	%	P.Rel	Apl/total	%	P.Rel
___i revista	1233/2069	60	.65	483/2069	30	.16	202/2069	10	.19
	pidia			pésquisa			têcido		
___u verdura	92/476	19	.17	317/476	67	.55	67/476	14	.28
	sigure			péssual			péssual		
___ĩ menina	632/760	83	.97	124/760	16	.2	4/760	1	.1
	siguinte			términar			sêringa		
___ũ segundo	101/226	45	.83	122/226	54	.14	3/226	1	.3
	sigunda			pêrgunta			pêrgunta		

Tabela 4

Médias antes de altas orais e nasais [i, u, ĩ, ũ]

Resultados para /O/

	u			ó			ô		
	Apl/total	%	P.Rel	Apl/total	%	P.Rel	Apl/total	%	P.Rel
___i policial	654/839	78	.82	143/839	17	.8	42/839	5	.10
	pulitica			cópiar			sôfrida		
___u procurar	27/301	9	.14	239/301	79	.55	35/301	12	.31
	custura			sólucão			pôstura		
___ĩ cozinha	162/171	95	.95	4/171	2	.1	5/171	3	.4
	dumingo			sórrindo			rôtina		
___ũ profunda	11/51	22	.27	38/51	75	.66	2/51	4	.7
	custumo			cóluna			prônuncia		

Confirmando as hipóteses levantadas, os índices mais altos de elevação ocorrem diante de [i] e [ĩ], tanto para /e/, como para /o/. No caso específico da nasal [ĩ], a aplicação da regra de elevação tem caráter categórico (.97 para /e/ e .95 para /o/). Os únicos

vocábulo que apresentam variação para /o/ são: s[ô]rrindo (1), r[ô]tina (4) e r[ó]tina (3). Os demais permanecem invariavelmente altos.

(1)

c[u]zinha, d[u]rindo, d[u]mingo, s[u]brinha, f[u]cinho, m[u]ringa.

Excetuando-se o vocábulo **seguinte**, que também se apresentou como variante fechada (s[ê]guinte), todos os outros que se realizaram com a variante [i] permaneceram invariáveis.

(2)

m[i]nina, s[i]rvindo, p[i]dindo, d[i]fini.

Por outro lado, quando temos [u] e [ũ] no contexto vocálico seguinte, a tendência se inverte. A alta oral posterior /u/ não favorece a elevação nem de /e/, nem de /o/. Os valores percentuais revelam, ao contrário, a ocorrência majoritária das realizações abertas (é = 67% e ó = 79%). Bisol (1981) já registrara que a alta não homorgânica /u/ tem influência menor na elevação das médias.

(3)

p[é]ssual, v[é]rdura, d[é]putado, r[é]gular, p[é]lúcia,
v[é]stuário, p[é]ruca, t[ó]rtura, c[ó]rrupto, p[ó]pulação,
pr[ó]duzir, s[ó]lução, pr[ó]curar

É conveniente ressaltar que [i] e [u] na sílaba seguinte se apresentam como os maiores favorecedores da realização variável nos três níveis: elevação, abertura e fechamento. Silva (1989) constatou que o mesmo fenômeno ocorre no dialeto de Salvador: a alternância entre i :: ê :: é e u :: ô :: ó ocorre apenas antes de vogais altas na sílaba seguinte. Foi possível encontrar as seguintes formas variantes no nosso corpus:

(4)

sufrimento	- sófrimento	- sôfrimento
turcida	- tórcida	- tôrcida
prunúncia (1 ocor.)	- prónúncia	- prônúncia (5 ocor.)

pridente	-	présidente	-	prêsidente
rivista	-	révista	-	rêvista
filiz	-	féliz	-	fêliz
pricisa	-	précisa	-	prêcisa
purtuguês	-	pórtuguês	-	pôrtuguês
sigurança	-	séguurança	-	sêguurança

No que diz respeito à alta posterior nasal [ū], percebemos um comportamento diferenciado para /e/ e para /o/.

Se por um lado, o [ū] favorece a abertura de /o/; por outro, favorece a elevação de /e/. Podemos observar também que a aparente falta de paralelismo entre os valores do peso relativo e do percentual se justifica pela co-ocorrência de fatores. Apesar de os valores percentuais serem muito próximos para as variantes ($i = 45\%$ e $e = 54\%$), o peso relativo se distancia de maneira acentuada ($i = .83$ e $e = .14$), e a referência ao peso relativo é mais importante na avaliação das tabelas. Essa sobreposição de fatores se manifesta por conta da interferência da fricativa velar /x/, favorecedora da abertura, já que a maioria das ocorrências verificou-se em vocábulos como: **pergunta**, **perguntaram** e derivados. É muito precipitado também fazer qualquer inferência definitiva a respeito da elevação de /e/ diante de [ū], já que 93% das ocorrências se restringem a **sigunda** e **sigundo**.

Vejam agora, nas Tabelas 5 e 6, os contextos que se revelaram mais favorecedores à abertura das médias pretônicas.

Tabela 5
Médias antes de [ε, o, a] e das não altas nasais
Resultados para /E/

	i			é			ê		
	Apl/total	%	P.Rel	Apl/total	%	P.Rel	Apl/total	%	P.Rel
___é	20/405	5	.6	330/405	81	.59	55/405	14	.35
vegetais	dipressa			séleção			vêgetais		
___ó	155/765	20	.19	543/765	71	.59	67/765	9	.22
relógio	milhor			resposta			rêmoto		
___a	98/1237	8	.10	982/1237	79	.77	157/1237	13	.13
verdade	divagar			rêlação			fêchado		
___ã, e, õ	82/985	8	.9	803/985	82	.74	100/985	10	.17
vergonha	piqueno			levanta			sêmana		

Tabela 6
Médias antes de [ε, a] e das não altas nasais
Resultados para /o/

	u			ó			ô		
	Apl/total	%	P.Rel	Apl/total	%	P.Rel	Apl/total	%	P.Rel
___é	75/568	13	.9	465/568	82	.76	5/568	5	.14
novela	buneca			prójeito			côlheres		
___a	190/1154	16	.6	948/1154	82	.92	16/1154	1	.2
votar	butar			córação			pôrcaria		
___ã, e, õ	64/624	14	.1	562/624	90	.95	35/624	6	.4
momento	butando			próblema			mômento		

Vemos novamente se confirmarem as expectativas. As ocorrências de variantes abertas são predominantes em contexto de mesma altura, e diante das não-altas nasais [ã], [ê], [õ]. Temos aí a aplicação da regra de harmonização vocálica atuando outra vez. Observamos também que, em termos gerais, a vogal recuada /o/ está mais sujeita à regra de abertura do que a não-recuada /e/. Os

valores probabilísticos e percentuais atribuídos à /o/ são inequivocamente mais altos em todos os contextos considerados. Inclusive diante de [l], a realização aberta foi categórica: nenhum caso de elevação foi registrado, e os casos de fechamento se restringem a cinco ocorrências do verbo **colocar** e derivados.

(5)

c[ô]locava (2), c[ô]locar (2), c[ô]locarem (1)

Nos demais registros, temos a ocorrência categórica de vocábulos como:

(6)

c[ó]locar, pr[ó]posta, f[ó]rmosa, pr[ó]vocar, g[ó]stosa, g[ó]stosona, ch[ó]colate, f[ó]foca, c[ó]lorau, pr[ó]tocolo

As tabelas 7 e 8 apresentam os contextos favoráveis ao fechamento das médias.

Tabela 7

/e/ diante de [ê, ô] e ditongo

	i			é			ê		
	Apl/total	%	P.Rel	Apl/total	%	P.Rel	Apl/total	%	P.Rel
___ê	40/321	12	.7	17/321	5	.2	264/321	82	.91
cereja	bizorro			mércearia			pêrder		
___ô	17/224	8	.7	45/224	20	.9	162/224	72	.84
nervoso	milhorei			pêssoal			chêgou		
___dit	276/1211	23	.15	253/1211	21	.11	682/1211	56	.74
levou	pidiu			géléia			rêspeito		

Tabela 8
/o/ diante de [ê, ô] e ditongo

	u			ó			ô		
	Apl/total	%	P.Rel	Apl/total	%	P.Rel	Apl/total	%	P.Rel
___ê	933/1889	49	.30	24/1889	1	.2	932/1889	49	.68
governo	sussego			lóteria			côrrer		
___ô	29/104	28	.8	2/104	2	.1	73/104	70	.91
gostoso	buto(u)			côronel			côlocou		
___dit	64/466	14	.8	192/466	41	.23	210/466	45	.68
comeu	cubriu			jôrnais			môrreu		

Analisando cuidadosamente os valores presentes na tabela acima, vemos a confirmação da hipótese de que as variantes fechadas [ê] e [ô] só predominam nos contextos de mesma altura e de ditongos. Vale esclarecer que o ditongo foi tratado indistintamente, independentemente de ser crescente ou decrescente. Os ditongos nasais não foram considerados porque tiveram ocorrência inexpressiva, apenas cinco: pôrtão, córdão, pôrão e quéstão.

Apesar de não termos controlado estatisticamente essa diferenciação entre os ditongos, pudemos observar que a distribuição das variantes nesse contexto ocorre de maneira previsível.

(7)

i - preferencialmente diante de [iw]:

pidiu, firiu, sirviu, vistiu (excetuando-se: dimais e dibaixo)

é - preferencialmente diante de [aw], [éy]:

légaw, réawmente, réstawrante, géléya

ê - preferencialmente diante de [ey], [oy], [ew]:

rêspeito, dêpois, pêrdeu, pêguei

u - preferencialmente diante de [iw], [ey]:

cubriu, durmiu, proveito

ó - preferencialmente diante de [ay], [aw]:

jornais, móraw, fórmaw, locaw

ô - preferencialmente diante de [ew], [ey], [ãw]

môrreu, nôtei, sôfreu, pôrão, bôtei

De modo geral, os resultados expostos nas Tabelas 7 e 8 não revelam surpresas. Os valores percentuais e probabilísticos mais altos, quase categóricos, atribuídos à realização fechada de /e/ e /o/, se restringem aos contextos de mesma altura ê e ô, diminuindo um pouco diante dos ditongos.

No entanto, é interessante observar que no nosso dialeto, a vogal não recuada /e/ está mais favorável ao fechamento do que à elevação. Considerando o consenso existente entre os pesquisadores já citados neste trabalho, de que a realização fechada das vogais pretônicas é pouco provável no nordeste, e que o fenômeno de elevação é uma tendência convergente entre os dialetos brasileiros, causa uma certa surpresa, então, verificar que dos onze contextos vocálicos considerados, a variante **i** só predomina sobre **ê**, quando se encontra diante de [i], [ĩ], [ũ]. Nos outros oito contextos restantes, **ê** é mais provável de ocorrer (consultar TABELA 2). No que se refere à vogal recuada /o/, o número de contextos em que **ô** predomina sobre **u** cai para seis. Sendo que, em três desses contextos, a diferença entre os pesos relativos das variantes **u** e **ô** revelou-se inexpressiva.

Pudemos observar também que a alternância entre as três variantes **i**, **é**, **ê** e **u**, **ó**, **ô** ocorre antes de altas orais, mas não diante das altas nasais. Também registramos uma alternância entre os três níveis de altura para /e/ diante de [ʎ], bem exemplificada pelos vocábulos: *milhor*, *mélhor* e *mêlhor*.

Nos outros contextos, as variantes se encontram em distribuição complementar: médias fechadas antes de vogais fechadas, e médias abertas antes de vogais abertas.

Em relação às altas nasais [ĩ] e [ũ], temos um comportamento diferenciado. A nasal [ĩ] favorece a elevação categórica tanto de /e/ como de /o/. Enquanto que a nasal [ũ] favorece a abertura de /o/, e a elevação de /e/.

3 Conclusão

Concluimos, portanto, que os resultados obtidos são previsíveis. As variantes abertas [é] e [ó] são majoritárias no dialeto pessoense,

apesar de haver ocorrência significativa de variantes elevadas [i] e [u] e fechadas [ê] e [ô], que estão sempre subordinadas à presença de vogais de mesma altura na sílaba seguinte. Logo, médias altas ocorrem predominantemente antes de [i], [ĩ] e [ũ], e as médias fechadas exclusivamente antes de [e], [o] e de certos ditongos.

Na verdade, é o princípio da harmonização vocálica que rege a variação da pauta pretônica no dialeto pessoense. Isso justifica a posição da variável vogal da sílaba seguinte que se evidencia como a mais importante em relação às demais variáveis lingüísticas e sociais consideradas em nossa pesquisa.

Referências Bibliográficas

- BATTISTI, Elisa. Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRS, 1993.
- BISOL, Leda. *Harmonização Vocálica*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1981.
- BORTONI, Stela M., GOMES, Christina A., MALVAR, Elisabete. A variação das vogais médias pretônicas no português de Brasília: um fenômeno neogramático ou de difusão lexical? *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte: UFMG, Ano 1, v. 1, pp. 9-29, 1992.
- CALLOU, D., LEITE, Yonne. As vogais pretônicas no falar carioca. *Estudos Lingüísticos e Literários* (5). Salvador: UFBA, 1986.
- CÂMARA JR., J. Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- HORA, Dermeval da. Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba – VALPB. 1993, mimeo.
- NASCENTES, Antenor. O linguajar carioca. 2.ed. Rio de Janeiro: Simões, 1953.
- SILVA, Myrian Barbosa da. *As pretônicas na fala baiana - A variedade culta de Salvador*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1989.